

20° WEC - qual será o futuro?

O evento se renova a cada três anos, reunindo os maiores expoentes mundiais na política energética planetária. As suas conclusões se aplicam, comumente com precisão, sobre os três anos subseqüentes

Paulo Ludmer

Em 10 de novembro próximo, começará o vigésimo Conselho Mundial de Energia (World Energy Council – WEC), em Roma. O evento se renova a cada três anos, reunindo os maiores expoentes mundiais na política energética planetária. As suas conclusões se aplicam, comumente com precisão, sobre os três anos subseqüentes. Desta feita, não será diferente, pois a ameaça da mudança climática vem sendo parte da pauta há décadas.

Estou de malas prontas para renovar minha presença. Comecei a participar do WEC em Montreal (1989), seguindo-se Madri (1992), Tóquio (1995), Houston (1998), Buenos Aires (2001) e Sidnei (2004). Observe-se que o WEC tem quase um século e só sofreu uma descontinuidade durante as grandes guerras mundiais do século passado.

Na comitiva brasileira convivi com Mário Behring, John Cotrim, Luiz Alquéres, José Malhões, Tatit Holtz, Nelson Vieira Barreira e uma lista enorme de construtores do setor elétrico brasileiro. Desde Madri, uma constante tem sido Norberto Medeiros, atual presidente da seção brasileira do WEC.

Na Austrália, houve duas grandes ausências: Luiz Pingueli Rosa, que deixara a presidência da Eletrobrás, e Dilma Roussef, que acompanhara o presidente Lula à China, tendo retornado ao Brasil, em emergência, por conta da ação de inconstitucionalidade levada ao Supremo Tribunal Federal, como escopo de anular a legislação do novo modelo do setor elétrico subscrito pelo Ministério de Minas e Energia.

Quem brilhou, em 2004, pelo Brasil em Sidnei? Nada menos do que Jerson Kelman, designado homem de confiança de Dilma Roussef, antes de qualquer outro adjetivo ou advérbio. Adverti, através de artigos e notas na mídia, sobre a existência desse relacionamento importante e sutil que, mais tarde, endereçou Kelman ao comando da Agência Nacional de Energia Elétrica.

Veja-se que Kelman havia despontado bem no governo de Fernando Henrique Cardoso, tendo seu relatório sobre o racionamento de energia se apresentado como vitrine de sua competência. Kelman também marcou boa presença no comando da Agência Nacional da Água.

O que fez em Sidnei para merecer elogios? Honrou o Brasil! Defendeu a hidroeletricidade num ambiente de inescapável domínio carbonífero e

eletronuclear. Concorrentes do Brasil, que esgotaram seus potenciais hidráulicos para a produção de energia elétrica, obstaculizam o aproveitamento dos nossos potenciais. Inclusive sustentam atividades não-governamentais em campanha contra usinas.

Quais foram as conclusões de Sidnei? O preço do barril do petróleo havia subido de U\$ 30 para US\$ 50 no mercado mundial. A 19ª reunião da WEC mostrou que o preço do barril flutuaria mais US\$ 15. E, de fato, até recentemente, o preço ficou abaixo de U\$ 70, mas já gira ao redor de U\$ 80. Qual será o futuro? Esta é a questão da 20ª rodada em Roma.

Da WEC, voltei ao Brasil, no último trimestre de 2004 com as seguintes mensagens por mim publicadas e disseminadas, além do petróleo: o mundo rumaria em direção à queima do carvão e à usina nuclear (acertei, por causa do WEC); o mundo rumaria para conflitos sociais com impacto sobre a energia (Bolívia, Equador, Mianmar, etc...acertei, por causa da WEC); a mudança climática se acentuaria (acertei, desde a WEC de 89); a crise da água precederia à de energia no mundo (acertei, desde a WEC de 89); não faltaria petróleo, no mundo, nos próximos 40 anos (acertei, desde a WEC de 92); e, o Brasil não poderia perder a oportunidade de elevar o aproveitamento de seu potencial hídrico, diante da perda de competitividade dos países concorrente, todos térmicos.

Aí, acertei sozinho e me frustrei profundamente. Anunciei minha tese no Congresso Brasileiro de Energia, no Rio de Janeiro, promovido regularmente pela Coppe-UFRJ. Apresentei claramente a questão. Disse que encargos e tributos eram uma infelicidade nacional e que kWh não era tabaco, perfume ou bebida alcoólica. Mas, perdi para ouvidos moucos.

O Brasil, desde então, só castrou autoprodutores, geradores hidráulicos e se rendeu a interesses alienígenas. A indústria de ocupação das áreas dos futuros lagos liquidou para sempre alguns potenciais (enquanto cabia ao Ministério do Ambiente mapear e blindar essas áreas).

Vamos em frente. De Roma, enviarei as novidades. Mas, brasileiros, limpem os ouvidos de muitas autoridades ou coloquem outras mais conscientes e efetivas em seu lugar.

Paulo Ludmer é jornalista, engenheiro, professor de Comunicação da FAAP, professor convidado em política energética do Mackenzie, Fei-PUC e Poli-USP, e escritor com o site www.pauloludmer.com.br

In: 20º WEC - qual será o futuro? Paulo Ludmer. **Agência Canal Energia**, Mídia Online 08 outubro.2007.